

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

Television and Education: educational possibilities from television programs

por Fabíola Burigo Costa e Karin Zapelini Orofino

RESUMO

Tem-se neste artigo o intuito de trazer a mídia-educação como uma tendência contemporânea. O estudo centra-se na abordagem da televisão relacionada à educação, extensivo ao ensino de artes visuais. Constatou-se através de um referencial teórico atual que a presença desta mídia no cotidiano das crianças e adolescentes ainda é majoritária e, portanto, a relação desses com a televisão é de grande relevância para o contexto educacional e permite maior aproximação com a realidade vivida pelos educandos. Considerando as potencialidades educacionais a partir de programas televisivos, bem como a atuação das autoras como professoras de artes visuais em escolas da rede pública e privada, realizou-se uma pesquisa de recepção em turmas de 7º ano do Ensino Fundamental II, a qual constitui uma pequena parte neste trabalho. Os desenhos animados foram escolhidos entre os programas preferidos entre eles. Por isso, apresenta-se também neste trabalho questões referentes a esses textos sincréticos e suas possibilidades de análise.

Palavras-chave educação; ensino de artes visuais; mídia-educação; televisão; desenhos animados

ABSTRACT

It has been the intention of this article to bring media education as a contemporary trend for education. The study focuses on the approach of television related to education, extended to teaching visual arts. Through a theoretical reference was found that the presence of the media in children and teenagers' daily life is still significant. Therefore, their relation with television is very relevant to the educational context and it allows closer approximation to the reality experienced by students. Considering the educational possibilities from television programs, as well as the work of the authors as teachers of visual arts in public and private schools, it was decided to conduct a survey of reception in classes from 7th grade of Elementary School II, which is a small part in this work. The cartoons were chosen among one of the favorite programs by students. For this reason, this work also presents issues concerning these syncretic texts and their analysis possibilities.

Keywords education; art education; media education; television; cartoon

Introdução

Janela Mágica? Fábrica de ilusão? Arma ideológica? Instrumento de alienação? Afinal, o que é televisão?

Segundo a origem da palavra, do grego, *tele* significa longe, distante e do latim *visio* é visão. A televisão é um sistema eletrônico de recepção de imagens e sons de forma instantânea. Funciona a partir da análise e conversão da luz e do som em ondas eletromagnéticas e de sua reconversão em um aparelho, o televisor, o qual capta as ondas eletromagnéticas e, através de seus componentes internos, as converte novamente em imagem e som.

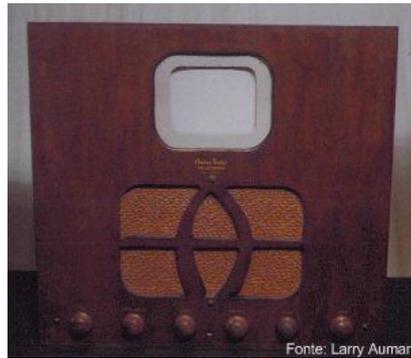
Esta é, entretanto, uma das possibilidades de a definirmos, distante de ser a única, uma vez que teorias sobre o que é e ou que pode ser a televisão, a imaginam de diferentes formas: intrinsecamente ligada à vida cotidiana, à cultura popular, ao espaço público, e a mecanismos de mediação entre emissores e receptores. Enquanto trama em movimento, a televisão entrecruza aspectos sociais, econômicos, telecomunicacionais e culturais. Ao buscarmos a potencialidade formativa da televisão, a relação Televisão e Educação, Televisão e Escola, aponta-se para um pensar no sentido de que “a televisão é e será aquilo que nós fizermos dela” (MACHADO, 2000, p. 12)

Mas, o que sabemos sobre ela para podermos fazer uso dela?

Sabemos que, assim como várias outras invenções da humanidade, a televisão contou com o trabalho de vários pesquisadores ao longo de anos, até a transmissão de seus primeiros sinais. No início do século XIX já havia uma preocupação científica em tentar construir algo que transmitisse imagens a lugares distantes. Uma imagem impressa via telégrafo, a descoberta do selênio, o uso da eletricidade para transmissão de imagens, a célula fotoelétrica, um sistema de raios catódicos, foram contribuições que permitiram que em 1920 o escocês John Logie Baird – considerado o pai da televisão – realizasse as primeiras transmissões experimentais de imagens e sons e, em 1926, fizesse demonstrações no Royal Institute, em Londres, assinando contrato com a BBC para experimentação em 30 linhas.

A primeira televisão da história surgiu em janeiro de 1928, em Nova York, pelo sueco Ernst F. W. Alexanderson, engenheiro da General Electric. No início poucas pessoas tinham acesso aos aparelhos de TV. O rádio ainda era o meio de comunicação predominante e os preços das televisões eram exorbitantes. Nos anos 1930, as telas do televisor dificilmente ultrapassavam as cinco polegadas, sendo difícil assistir a alguma coisa, mas a partir desta década a resolução das imagens melhorou consideravelmente. Em 1940, foi realizada a primeira transmissão em cores e as transmissões esportivas e os primeiros telejornais começaram a ganhar destaque.

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos



TVs anos 30



A tela aumenta



Faz parte da casa

Fonte: <http://www.tecmundo.com.br/2397-historia-da-televisao.htm>

No Brasil, a primeira transmissão registrada ocorreu em 1939, na Feira Internacional de Amostras no Rio de Janeiro. Em 1950, foi fundada pelo jornalista Assis Chateaubriand, a primeira emissora de televisão do Brasil, a TV Tupi de São Paulo, que reinou absoluta ao longo de muitos anos. Nesta época, Chateaubriand espalhou pela cidade 200 aparelhos de televisão chamando atenção do público pelas imagens e sons para o mais novo invento a “desembarcar em terras tupiniquins”.



Logo TV Tupi



Início da televisão no Brasil



A família se reúne para assistir TV

Fonte: http://www.locutor.info/index_classicos_da_tv.html

Nos anos de 1950 os aparelhos de TV invadiram os lares, a invenção do controle remoto revolucionou a forma com que se assistia à televisão. As emissoras preci-

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

savam ter uma programação diversificada e de alta qualidade para atrair telespectadores e os anunciantes, uma vez que o “botão da emissora rival encontrava-se a poucos centímetros de distância”.

No Brasil as transmissões ao vivo já eram comuns, mas somente em 1972 as emissões coloridas chegaram oficialmente às casas de alguns brasileiros.

Do preto e branco ao Full HD, a televisão não para de se reinventar e lançar tendências. Modelos com som estéreo já estavam disponíveis desde o fim dos anos 1980, depois as telas passaram a ter cada vez maior resolução e já no fim dos anos 1990 as televisões de tela plana, plasma e LCD, chegaram ao mercado. Dos televisores com 5 polegadas, hoje temos a oportunidade de assistir em telas de mais de 50 polegadas, mudando a forma e a qualidade com que podemos assistir a um programa, filme ou noticiário.

A transmissão digital marca a nova era dos meios de comunicação e integra o computador e sua interatividade com a televisão e seu poder de alcance. Por ser transmitida via satélite, as ondas que o televisor recebe dificilmente sofrem interferências e a qualidade é novamente outra.

Como as imagens chegam até nós? Em que a televisão nos modifica?

Se é inegável a influência da televisão na história do século XX e XXI, sendo sua importância destacada no desenvolvimento da sociedade e compartilhamento de informações, revolucionando formas de ser e estar no mundo, influenciando comportamentos, marcando décadas, e se hoje é o meio de comunicação com maior penetração e importância, mesmo depois da popularização da *internet*, como este meio de comunicação chega até nós? Como a televisão nos constitui?

Férres (1996), analisando a televisão como extensão da pessoa, aponta que nas diversas fases da história da humanidade o predomínio de determinados meios de comunicação levou ao desenvolvimento de algumas habilidades perceptivas e mentais e ao esquecimento de outras. Nas culturas orais desenvolvia-se mais a memória, nas escritas a capacidade de abstração e análise e, nas culturas audiovisuais, imagéticas em movimento. Pesquisas demonstram que a televisão caracteriza-se como a cultura do mosaico, gerada pela desordem, dispersão e pelo aleatório, favorecendo um tipo de conhecimento dispersivo, em compartimentos. Enquanto a leitura potencializa a capacidade de pensamento lógico, linear, sequencial, supondo uma atitude de coconcentração, a imagem potencializa o pensamento visual, intuitivo e global e supõe uma atitude de abertura.

A televisão transforma nossos hábitos perceptivos quando cria a necessidade de uma hiperestimulação sensorial, aponta Férres (1996). Uma das manifestações mais evidentes da modificação das experiências perceptivas pela TV é justamente a multiplicação dos estímulos visuais e auditivos.

O movimento possui grande força para atrair o olhar humano e é ele um dos grandes atrativos da televisão, tanto como recurso para a captação de atenção, quanto como elemento gratificador para mantê-la. O movimento engloba o dos elementos

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

dentro da tela como também da câmera, o que provem da mudança constante de cenas por meio das montagens.

As mensagens da TV caracterizam-se cada vez mais por um ritmo trepidante, por uma aceleração cada vez maior na sucessão de cenas. Para o espectador que vai sendo habituando a este ritmo, a possibilidade de movimento acaba se tornando uma necessidade e quando não há mudança torna-se monótono.

A prática do *zapping* é mais uma prova da necessidade psicológica de um ritmo trepidante como consequência da modificação dos hábitos perceptivos das novas gerações. Quando a estimulação sensorial oferecida pela TV não for suficiente, o telespectador pode intensificá-la com a troca de canal.

Para Férres (1996), a hiperestimulação sensorial oferece uma visão da realidade fragmentada e o que importa neste contexto é o instrumento de surpresa. A TV precisa surpreender o telespectador a cada segundo e esta gratificação torna-se um fim em si mesmo e, em consequência, gera falta de sentido.

O império da imagem restitui à cultura o sentido do imediato. A narrativa audiovisual potencializa o sentido do dinamismo e tende a aumentar o sentido da impaciência. As frustrações acontecem quando se constata que na vida não é tão fácil mudar de canal nem é possível acelerar o ritmo dos acontecimentos. Querer saber tudo leva a não saber nada, complementa Férres (1996).

Se a televisão desenvolve sistemas perceptivos diferentes da leitura e ativa processos mentais distintos, cria também outro tipo de repostas. Favorece-se a percepção acima da abstração, o sensitivo sobre o conceitual, tende a provocar respostas mais emotivas do que racionais. O intuitivo e o emocional terão primazia sobre o intelectual e o racional.

De acordo com o autor (Ferrés, 1996), o telespectador assíduo tem certa dificuldade para a leitura ou para a escola em geral, prefere o não-livro, vira um leitor preguiçoso, declina nas aptidões verbais, podendo gerar analfabetismo funcional. Ressaltamos, entretanto, que apesar de as linguagens estarem confrontadas pelo autor, estas se complementam e enriquecem formas de ser e viver.

É fato que a televisão nos modifica. Mas, afinal, o que nós fazemos dela?

Conforme já mencionamos, televisão é um termo muito amplo que se aplica a uma imensa gama de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens. Machado (2000, p. 12) alerta-nos que nenhum meio está predestinado a ser qualquer coisa fixa. Ao elegermos o que vamos ver ou fazer na e com a televisão, ao nos esforçarmos para interpretar o que vemos, ao discutirmos, rejeitarmos ou apoiarmos determinadas políticas de comunicação, estamos contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão. “O que a televisão é ou deixa de ser não é indiferente as nossas atitudes com relação a ela”, ressalta o autor; e este é um foco importante a ser considerado no trabalho com Educação.

Se a televisão é e será aquilo que nós fizemos dela, se nada está fixo, ao focarmos

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

na diferença potencializadora da TV, expandimos suas possibilidades expressivas e a abordamos como um dispositivo audiovisual através do qual se pode exprimir anseios e dúvidas, descobertas e voos da imaginação.

A qualidade da intervenção aqui passa a ser fundamental, centra-se na criatividade e inteligência da televisão, no contato com obras mais importantes produzidas nessa linguagem, pensando a TV como conjunto dos trabalhos audiovisuais que a constituem. O objetivo é fazer com que esta ideia possa contaminar a televisão como um todo, ou seja, a produção e a recepção, diz Machado (2000). Argumenta ainda, que durante muito tempo encaramos a televisão como um meio popularesco, “de massa” e deixamos de prestar atenção a muitas experiências singulares e fundamentais para compreendermos o estatuto da televisão no panorama cultural do século anterior. Pondera ainda que a televisão acumulou nos últimos anos um repertório de obras criativas, com repertórios densos e amplos a ponto de incluí-la entre os fenômenos culturais mais importantes de nosso século, mesmo a despeito de todos os discursos popularescos, de meio “menor” e mercadológico.

Sabemos que a televisão é um meio hegemônico e de influência nos modos de subjetivação. Entretanto, sabemos muito pouco sobre a televisão, o conjunto de trabalhos audiovisuais que ela efetivamente produz e o que os espectadores efetivamente assistem, deixamos de lado o exame efetivo dos programas, o que a televisão concretamente produziu nos últimos 50 anos. Ao abordar *A televisão levada a sério*, Machado (2000) procura fazer um exame daquilo que, dentro da imensa massa de material audiovisual que se distinguiu, permaneceu e permanecerá como uma referência importante da cultura do nosso tempo.

Aprendemos com este autor a importância de abordar a televisão como um acervo de trabalhos audiovisuais, não homogêneo, e sobre uma perspectiva valorativa. Julgar a qualidade dos trabalhos implica critérios de valoração e para perceber valores é preciso ir ao encontro dos programas e examiná-los; não existe outro caminho. E essa foi uma de nossas opções.

Televisão e Educação

Há inúmeras discussões sobre como se dá a relação entre crianças e a televisão. Alguns podem destacar a influência nociva da televisão sobre as crianças. Por outro lado, Joan Ferrés (1996, p.102) ressalta que a telefobia não leva a lugar nenhum e Buckingham (*apud* Girardello e Orofino, 2007) defende a não passividade da criança em relação às mídias, ressaltando o seu papel ativo e sofisticado em detrimento de um posicionamento passivo ao consumi-las, mas alertando também para não cairmos na visão oposta, de uma criança sábia e liberada. Há algo, porém, indiscutível: a presença da televisão no cotidiano das crianças é praticamente majoritária, existindo poucas diferenças sobre a afirmativa entre as distintas classes sociais.

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

No Brasil, conforme dados de pesquisa feita por Pillar (2005, p. 129), crianças chegam a assistir a seis horas diárias de programação, em horários diversos. “Programas infantis, propagandas, desenhos animados, novelas e filmes, mesmo os destinados aos adultos, compõem e informam o cotidiano e o imaginário das crianças” (Pillar, p.129). Já em uma pesquisa de recepção feita por Girardello e Orofino (2001), com crianças de diferentes contextos socioculturais na cidade de Florianópolis, verificou-se que as crianças consomem em média 4 horas diárias de TV, sendo diferente apenas para crianças de uma comunidade pesqueira onde o espaço para brincar é mais amplo, tornando-se mais atrativo que a programação da TV. Atualmente, mesmo com o crescente uso do computador pessoal (PC), associado à incrível lógica da convergência das mídias, a TV continua sendo o meio mais assistido pelas crianças no espaço doméstico, pois aquele ainda é um bem de consumo caro e, portanto, excludente (Orofino, 2005, p. 43).

Percebe-se não ser à toa o fato de a televisão ser muitas vezes nomeada de babá eletrônica, pois em muitos casos torna-se uma opção para os adultos ocuparem suas crianças sem necessitar da presença física de um deles. Ao se referir à realidade brasileira, Belloni (*apud.* Orofino, 2005, p. 54) coloca a TV como uma espécie de “escola paralela”, já que parte da população infanto-juvenil sequer tem acesso à instituição escolar; muitas vezes é a TV que se oferece como a “única escola para aqueles milhões de jovens não-escolarizados”. Bueno Fischer em seu livro *Televisão & Educação* (2003) destaca a importância da TV em nosso cotidiano e por isso defende que a TV participa direta ou indiretamente na formação das pessoas, na sua constituição enquanto sujeito, influenciando sua subjetividade.

(...) a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas, na própria constituição do sujeito contemporâneo. Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. Enfim, procuro estudar a TV na sua íntima relação com a produção de modos de subjetivação na cultura (Bueno Fischer, 2003, p. 15).

Mas afinal, existe uma homogeneidade entre os produtos culturais e programas diversos veiculados na televisão? A linguagem própria da televisão, o audiovisual, associa o verbal com o visual, e nisso implica narrativas e discursos, tanto das imagens quanto dos sons e suas associações. Deste modo, a televisão apresenta, em sua gama variada de programação (em canais abertos ou em TV a cabo), um conjunto de *discursividade* extremamente diversificado entre si (Orofino, 2005). São distintos gêneros televisivos, ficcionais e não-ficcionais, como por exemplo o telejornalismo,

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

as narrativas dramáticas, as telenovelas, os seriados, os programas de debate, de humor, de auditório, os desenhos animados, os comerciais, os videocliques, entre muitos outros. Cada um deles se apropria de uma narrativa própria, de uma discursividade específica. Por isso Valério Fuenzallida (*apud* Orofino, 2005) ressalta:

“Diante, portanto, desta polidiscursividade da TV, o telespectador não desenvolve uma relação homogênea e unívoca, mas sim diversificada, com expectativas e gostos diferenciados. Não deveríamos portanto falar da relação com a TV, mas das múltiplas relações com a TV.” (1989, p. 43)

Além dessas considerações, é importante ressaltar que além do *discurso*, na televisão se opera também a *representação*. Conforme Bueno Fischer (2003, p.88), existem regras que definem o que é verdade em um dado *discurso* e por isso precisa se delimitar as “fronteiras epistemológicas e históricas de um certo campo do saber”. Stuart Hall também irá ressaltar questões amplas relacionadas ao *discurso*, “de ordem política, de como o conhecimento se articula com o poder, de como produz subjetividades, de como constrói a cultura” (Bueno Fischer, 2003, p. 88). Já o conceito *representação*, para Stuart Hall (*apud* Bueno Fischer), significa a produção de significados através da linguagem, em síntese; “haveria então *sistemas de representação* ou *linguagens*, modos de representar, modos de usar signos diversos, que se referem a objetos, pessoas, ao chamado ‘mundo real’, mas também a sentimentos, a fantasias, sonhos, desejos” (Bueno Fischer, 2003, 89).

Juan Ferrés (1997) ao falar sobre a relação da criança com a televisão adverte a importância da mediação de um adulto nesta atividade; por isso o autor ressalta que a criança, ao assistir televisão, não deve se sentir só como espectador, mas deve compartilhar a experiência, dialogar, comparar. A questão, no entanto, não está relacionada à criança assistir sozinha ou não à televisão, mas sim ao fato de que os acompanhantes adultos saibam manter com ela um diálogo frutífero durante a programação (1997, p.105). Assim, Ferrés (1997, p.104) alerta à nocividade da televisão – a qual considera um meio unidirecional e a “única atividade que não exige quase nenhuma resposta da criança” – quando é contemplada dentro de um meio comunicativo no qual inexistente reciprocidade. O problema da televisão, conforme a visão de Ferrés (1997, p. 107), não está somente no conteúdo dos programas, mas sim na sua unidirecionalidade. Portanto, a saída é buscar alternativas que estimulem a ação e a criatividade, diminuindo certo grau de passividade da televisão com atividades compensatórias para as crianças “televisadas”.

Sob um ponto de vista não tanto pessimista em relação à atividade de assistir a televisão pelas crianças, Orozco (*apud* Orofino, 2005) defende que este “é um processo que se estende para além do ponto de contato entre os indivíduos e a tela”. Conforme Orofino (2005, p. 58), esse processo configura-se muito mais de uma conjugação de fatores subjetivos, sociais, culturais e históricos do que simplesmente linear do tipo estímulo-resposta ou causa-efeito. Deste modo, muda-se a visão de passividade da criança para percebermos sua autonomia e sua capacidade de produção de sentido ao assistir à TV. Por isso que campos como da

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

Mídia-Educação preocupam-se com a alfabetização em mídia tanto quanto era a alfabetização tradicional em textos impressos. Ainda segundo Orofino (2005, p. 46), é neste momento que a família e a escola devem juntas se abrir para o diálogo sobre o que se passa na imaginação criativa nos momentos de entretenimento dos adolescentes e crianças.

Pesquisa de recepção

Considerando as potencialidades educacionais a partir de programas televisivos, bem como nossa atuação como professoras de Artes Visuais em escolas da rede pública e privada, optamos por realizar uma pesquisa de recepção nas 6^{ss} séries/7^º ano de Ensino Fundamental, por ministrarmos aulas nestas séries. Nosso objetivo era diagnosticar a presença da televisão no cotidiano dos alunos e saber quais programas de televisão os alunos destas séries costumavam assistir com mais frequência e quais eram seus preferidos, visando uma efetiva atuação educativa.

O Colégio Catarinense é uma instituição educativa particular, católica, centenária e está localizada no centro de Florianópolis, sendo frequentada por alunos de classe social média e alta. O Colégio de Aplicação é uma instituição educativa pública federal, pertencente ao Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e está localizado no Camus Universitário da Trindade, em Florianópolis, sendo frequentada por alunos de todas as classes sociais, uma vez que seu ingresso efetua-se por sorteio. Nestes diferentes contextos as interações sociais se estabeleceram de forma heterogênea: alunos que fizeram questão de preencher todo o questionário, alunos que só preencheram em parte e também alunos que não preencheram.

Na tentativa de conhecer melhor o cotidiano extraescolar dos alunos e diagnosticar suas relações com a televisão e seus programas preferidos, foi elaborado um questionário com sete perguntas para serem respondidas de forma descritiva pelos alunos. O questionário foi aplicado por nós professoras sendo também expostos os objetivos da pesquisa. Foi identificado que a maioria dos alunos assistem à televisão e muitos deles o fazem enquanto estão no computador, sendo que, logo após a frequência em estar frente à TV, estar no computador é o que mais fazem quando não estão na escola. Com relação ao por que de assistirem à televisão, grande parte dos alunos aponta que assiste porque gosta, é legal, divertido, alegre e passa o tempo. E quanto ao que mais assistem na televisão, a maioria assinala os desenhos animados, seguido das novelas e filmes. Entre os desenhos animados preferidos destacam a série animada *Os Simpsons* seguida do desenho animado *Bob Esponja, Calça Quadrada*. Diante da principal questão a ser verificada através dos questionários — o que os alunos mais assistem na televisão e suas preferências — foi identificado a série animada *Os Simpsons*, a qual escolhemos para uma análise posterior.

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

É importante destacar que priorizamos os estudos de recepção na pesquisa realizada. Ou seja, tentamos buscar através dos questionários a voz dos educandos na sua relação com esta mídia, a televisão. Sobre este tipo de pesquisa, Buckingham ressalta a importância de ir além dos textos para se aproximar do universo dos entrevistados. Porém, mesmo sabendo desta importância, neste momento nossa pesquisa objetivou-se apenas diagnosticar suas preferências visando planejarmos uma intervenção educativa *a posteriori*.

Desenhos Animados

As narrativas televisivas tem grande destaque nas leituras do mundo das crianças brasileiras (Pillar, 2005). Muitas pesquisas mostram, como observa Analice Dutra Pillar (2005, p. 129), que as crianças e adolescentes brasileiros são os que mais assistem à televisão em todo o mundo. Como já mencionado, a média varia entre 3 a 4 horas diárias, sendo que para as crianças pequenas este número chega a ser maior e mais significativo.

Assim, o contato cotidiano com textos sincréticos televisuais, por parte das crianças, não significa que há reflexão sobre tais produções. Textos considerados sincréticos, conforme Pillar (2005), são aqueles que, simultaneamente, inter-relacionam diferentes sistemas de linguagem. As diferentes linguagens utilizadas em um texto podem reforçar o mesmo significado ou complementam-se para deixar mais claro; quando não, pode ser uma estratégia ou mesmo um furo. Assim, “a produção de sentido nesses textos depende de estratégias globais de comunicação” e por isso, interessa conhecer tais estratégias, “identificando os mecanismos pelos quais se estabelecem as relações de significação” (Pillar, 2005, p. 128). Um dos primeiros textos sincréticos que as crianças tem contato são os desenhos animados apresentados na televisão.

Diante do extenso consumo televisivo por parte das crianças, há que se destacar suas preferências entre a sortida programação. Em nossa pesquisa, como destacado anteriormente, os canais de desenhos animados, e alguns desenhos animados em específico, foram citados como os seus preferidos. Para reforçar os dados obtidos, a pesquisa coordenada pela professora Vânia Carneiro (desenvolvida entre 2000 e 2005), da Universidade de Brasília, mostra que em relação à programação diária da TV, as crianças preferem, em primeiro lugar, os desenhos animados (40%), seguido das novelas (20%) e, em terceiro lugar, os programas infantis (16%). Portanto, se parte-se do pressuposto que raramente ocorre reflexão das crianças sobre o seu consumo televisivo, inserir os desenhos animados da mídia no âmbito da educação escolar e realizar leituras e análises críticas permite uma reflexão sobre a visibilidade e os sentidos presentes nestas produções (Pillar, 2005, p. 129).

Considerando que os alunos pesquisados cursam o 7º ano/6ª série do Ensino Fundamental e suas idades variam entre 10 a 12 anos, iremos identificá-los aqui

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

como crianças, de um modo geral, mesmo sabendo que se constituem como pré-adolescentes e que cada etapa possui suas especificidades na constituição do sujeito. Porém, como é próprio desta idade em transição, é difícil considerá-los como iguais apenas pela questão da faixa etária. Além do mais, o contexto sociocultural, o qual queríamos realçar na pesquisa, também irá constituir-se como outro fator diferencial entre os estudantes.

Conforme já mencionado, feito o levantamento dos dados obtidos através dos questionários com os alunos das duas escolas, entre os programas citados por eles teve maior referência a série animada “Os Simpsons”. A partir deste resultado, procuramos um episódio da série para desenvolvermos uma análise crítica, fundamentando-nos em uma proposta de roteiro para análise de produtos televisivos de Rosa Maria Bueno Fischer (2003, p.90–109). Buscou-se entre os diversos episódios um que tivesse como temática as artes visuais, posto que ambas autoras são também professoras de Artes Visuais.

A linguagem visual dos desenhos animados também sofreu transformações ao longo do tempo. Podemos sugerir que as crianças gostam e gostavam de desenhos animados em sua infância, com televisão, mesmo que os produtos sejam os mais diversos, pois os formatos de muitos desenhos animados acompanharam as mudanças da criança do século XXI. A partir dos anos 1990, a preocupação estética e com problemáticas muito atuais começam a serem exibidas em novos desenhos animados, veiculados na televisão brasileira (Pillar, 2005). Os desenhos da década de 1970 e 1980 privilegiava o sistema visual; quase não tinham linguagem verbal, a história era narrada através da linguagem visual e sonora – efeitos sonoros; é o caso de *Tom e Jerry* (Pillar, 2005). Já nos desenhos contemporâneos há o uso das relações entre as linguagens visual, sonora e verbal para “criar um discurso onde a significação prescinde desta reunião” (Pillar, 2005, p. 140, notas de fim).

Tartakovsky, criador do desenho animado “O Laboratório de Dexter”, critica o saudosismo presente em muitos países e defende a produção atual. O desenhista salienta, em uma entrevista feita à Revista *Época*, que “clássicos como *Os Jetsons* eram excelentes, mas não funcionam mais (...). A garotada está vendo MTV e absorve uma quantidade de informações muito maior do que eu conseguia quando era criança. A animação precisa acompanhar essa mudança”. O desenhista reitera:

Nas décadas de 70 e 80 havia a tendência de criar grupos de heróis inspirados em brinquedos. Hoje voltamos ao que se fazia nos anos 30 e 40, com protagonistas mais fortes: Patolino, Popeye, Pernalonga. Temos Bob Esponja e Johnny Bravo, por exemplo. A diferença é que eles tinham como referência o cinema mudo, e nós somos fãs de Steven Spielberg. Encaramos o desenho animado como um filme, pensamos na fotografia e na iluminação. (Tartakovsky em entrevista com Beatriz Velloso, Revista Época, 23/04/2003).

Tartakovsky, russo radicado no Estados Unidos, ressalta que é preciso ser original, porém diz que o seu processo de criação ainda é à moda antiga, com *storyboards* e

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

o movimento dos personagens feitos à mão; somente utiliza a computação gráfica para colorir e sobrepor os desenhos contra o fundo.

The Simpsons ou Os Simpsons

Neste trabalho, interessa pensar e problematizar a cerca de um episódio de *Os Simpsons* intitulado *Mom and Pop Art*, com tradução para “Mãe e a Arte do Papai”¹. *Os Simpsons* é um seriado animado de comédia de situação criado nos Estados Unidos por Matt Groening para a *Fox Broadcasting Company*, tendo como foco uma audiência juvenil e adulta. O programa está no ar durante 22 anos, considerado a série de maior duração na história da TV, e desde sua estreia causou grande impacto aos telespectadores americanos por sua irreverência ao brincar com tudo e qualquer coisa. Nos últimos anos, mesmo sendo direcionada ao público norte-americano, a série teve alcance global, tornou-se uma das franquias de entretenimento mais consistente e inovadora, reconhecida em todo o mundo e sendo exportada para vários países. Conhecida por ser subversiva, a série *Os Simpsons* vai além do humor, apresentando críticas e sátiras a sociedade ocidental; a série referencia a cultura pop americana e os membros da família – Homer, Marge, Bart, Lisa e Maggie – tornaram-se ícones da televisão (Herskovic, 2011).

Estereótipo da família suburbana norte-americana, *Os Simpsons* moram em uma cidade fictícia, *Springfield*, onde é palco para suas aventuras a cada episódio. A série configura-se como um *sitcom* no qual se tem uma visão irônica e crítica sobre a cultura, o estilo de vida da classe média americana, a televisão e diversos aspectos da condição humana. Os temas são diversos, já apresentaram críticas ao capitalismo, ao ultraindividualismo e satirizou a sociedade contemporânea. Cada personagem com suas particularidades possibilitam a inserção e exibição de alguns temas: o fato de Homer trabalhar em uma usina nuclear já trouxe a temática do meio-ambiente; através da frequência de Bart e Lisa na Escola Elementar de Springfield a série já trouxe questões controversas no campo da educação. Segundo seu criador Matt Groening, a família Simpsons é caracterizada por disfuncional, nenhum personagem é perfeito.

Através de roteiros bem desenvolvidos, a série consegue atingir diversas camadas sociais e faixas etárias, e também diferentes audiências, trazendo à superfície temas como corrupção política e violência urbana, ao mesmo tempo em que aborda assuntos como homossexualidade, os sistemas dos planos de saúde públicos e privados e o sistema de ensino deficitá-

¹ A tradução para este episódio foi retirada do site da própria emissora que veicula a série no Brasil. É importante destacar que esta tradução é insuficiente para abranger o movimento artístico da Pop Art relacionado à cultura Pop americana. Porém, está muito mais relacionado ao roteiro do episódio, no qual o personagem Homer Simpsons torna-se um artista conceitual após ter errado na construção de uma churrasqueira; contudo, sua “arte estranha” chama a atenção de uma marchand e assim se desenvolve a trama.

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

rio. Além de fazer uma leitura mais crítica da vida em família, com seus conflitos emocionais e desavenças, em Os Simpsons nenhum personagem é perfeito, e uma grande parte vive como indivíduos autocentrados e alienados dos acontecimentos a sua volta. Centrada no núcleo familiar e nas pessoas da cidade, que poderia ser qualquer cidade, a série surpreende ao satirizar aspectos sociais, políticos, sexuais e estéticos da cultura ocidental contemporânea. Aborda assuntos cotidianos e até mesmo sequestro por alienígenas, partindo da cultura ocidental à crítica ao preconceito em suas diversas formas, da pop art à arte conceitual (Herskovic, 2011).

Homer é o patriarca controverso e atrapalhado da família, trabalha como inspetor em uma usina de energia nuclear da cidade, gosta de cerveja e rosquinhas (ou *donuts*) e não tem muita simpatia pelo seu chefe, nem pelo seu vizinho. Marge é uma dona de casa estereotipada e mãe de três filhos – Bart, Lisa e Maggie. Bart é um menino rebelde de 10 anos categorizado como pouco inteligente e desordeiro; Lisa é uma menina prodígio de 8 anos que adora tocar saxofone, muitas vezes torna-se a politicamente correta da família; Maggie é a caçula, um bebê que não fala mas muito já fez em seu um ano de vida. Conforme estudos de Herskovic (2011), enquanto pai e filho (Homer e Bart) são individualistas e preocupados consigo mesmos, a mãe Marge aparece como a mediadora da família; em outras situações envolvendo a comunidade, a filha Lisa é quem representa “uma alternativa para uma sociedade que se encontra à beira da estagnação política, econômica e cultural, através da luta por seus princípios e observações”.

Análise crítica de série de TV

Há inúmeros modelos de análise crítica de diferentes textos midiáticos e muitas são as bases teóricas para tal estudo, como semiótica, estudos culturais, entre outros. Nesta análise usou-se como referência os estudos de Rosa Maria Bueno Fischer, a qual em seu livro intitulado “Televisão & Educação: fruir e pensar a TV” (2003) nos traz um modelo de análise bem completo para utilizar em estudos relacionados à televisão. É importante lembrar que outros autores também trazem modelos de análise para a televisão, como Joan Ferrés que apresenta um “Método para a análise crítica de séries e filmes de televisão” (1994, p. 135-142); além desse, o autor oferece alguns outros métodos separados por tipologias.

Bueno Fischer, sem tanta pretensão, apresenta-nos uma proposta de roteiro para análise de produtos televisivos. A autora sugere o roteiro para o trabalho de professores e professoras com seus alunos, nos diferentes níveis de ensino; tanto pode ser seguido por inteiro como também utilizado como referência; ainda pode servir como sugestão na atividade docente, na formação de professores, entre tantas outras possibilidades de estudo da TV. Enfim, o que Bueno Fischer procura é “ampliar a compreensão a respeito do currículo escolar, de modo que se incorporem decisivamente os tantos aspectos da cultura na prática pedagógica, os tantos saberes que circulam na sociedade e que participam da formação de crianças e

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

jovens – entre os quais estão os saberes e práticas tratados nas imagens, textos e sons produzidos e veiculados pela televisão” (2003, p. 92).

O roteiro proposto por Bueno Fischer é pautado em perguntas norteadoras para identificar e percorrer desde o formato até seus significados. A pergunta número um é *Que tipo de programa é esse?* Busca-se assim identificar qual o gênero, se se trata de ficção ou não, se está entre seriados, telenovelas, minisséries ou telejornalismo, propagandas, documentários ou programa de humor. Atualmente em um mundo pós-moderno a tarefa de delimitar com precisão um produto televisivo e especificá-lo em um determinado gênero torna-se muito questionável. Mesmo assim a autora ainda acha relevante “distinguir tipos de programa, gêneros, formatos, a partir de um estudo global das chamadas ‘grades de programação’” (2003, p. 93).

A segunda pergunta é feita conjuntamente: *Quais os objetivos desse artefato? Quais suas estratégias de veiculação? A quem se “endereça”?* Bueno Fischer salienta a importância de se analisar mais do que um único exemplar de um programa para ter uma noção mais fidedigna do todo. Como destaca a autora, “no mínimo é preciso considerar o produto escolhido dentro de um conjunto maior, a começar pela descrição dos seus objetivos, em relação ao público-alvo e às próprias estratégias de mercado do emissor” (2003, p. 97). É neste momento que se irá pensar no contexto da veiculação já que sempre se fala “de algum lugar” e também sempre há um “endereço”, ou seja, o destinatário, público-alvo daquele produto; da mesma forma deve-se pesquisar sobre a emissora, horário de veiculação, periodicidade para compor o conjunto da análise (Bueno Fischer, 2003, p. 97).

A pergunta seguinte será *Qual a estrutura básica do programa?* Entramos na análise dos detalhes: tempo total do programa e duração de cada parte, bloco ou segmento; recursos de linguagem utilizados; a existência ou não de linearidade de introdução, desenvolvimento e conclusão; quais os pontos altos em relação à dramaticidade; qual a maneira de narrar, estratégias de contar uma história ou de informar alguma coisa ao outro (Bueno, Fischer, 2003, p. 98-99).

Afinal, de que se trata esse programa? Quem fala e de que lugar? Estas constituem o conjunto de perguntas número quatro do roteiro. A ideia é que se procure identificar, a partir dos questionamentos, a possível temática e aqueles que falam no programa e suas especificidades como personagens, locutores, convidados, participantes.

A pergunta de número cinco volta-se a questão estrutural do programa: *Com que linguagens se faz este produto?* A preocupação aqui se centra em todos os recursos utilizados pela linguagem audiovisual. Ir-se-á avaliar a distribuição do texto em relação às imagens, como a sonorização do programa marca a narrativa, como os cenários se inter-relacionam para comunicar algo. Assim, Bueno Fischer (2003, p. 102) orienta que “os modos de construir um programa de televisão, desde a elaboração do roteiro, a realização das gravações, a edição e a sonorização (...) devem sempre ser vistos a partir de uma perspectiva bem ampla”. Isso significa considerar o produto contextualizado no conjunto de programação de uma emissora e mesmo do conjunto de ofertas ao público. A autora ainda destaca o modo

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

de ser da linguagem televisiva como outro fator relevante para a análise, presente em todos os seus produtos; neste caso, a autora referencia Beatriz Sarlo e seu conceito de “televisibilidade”, como sendo “o fluído que dá consistência à televisão e assegura um reconhecimento imediato por parte de seu público” (*apud* Bueno Fischer, 2003, p. 102–103).

Por fim, a sexta e última pergunta consiste em problematizar a televisão no espaço educacional: *Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação?* A pergunta geradora nos leva a outras questões que serviriam para “possíveis debates, reflexões e elaborações, suscitado por todo o trabalho feito em relação ao (...) programa de TV, a partir dos itens do roteiro aqui proposto” (Bueno Fischer, 2003, p. 107). O mote central é trazer a TV como objeto de estudo para professores e professoras no seu trabalho com seus educandos, independentemente da idade, e por isso não se separa, em nenhum momento, a *forma*, o *conteúdo* ou mesmo a *mensagem*. Assim sendo, Bueno Fischer finaliza:

[...] busquei acentuar o quanto se entrelaçam as questões da linguagem propriamente dita – os recursos audiovisuais, de imagem, som, textos, edição, a escolha de planos e ritmos, a seleção de apresentadores e atrizes, a tipologia de gêneros de programas, a própria condição de imagem eletrônica e do tamanho da tela da TV, também da situação peculiar de recepção em ambiente doméstico, iluminando pelo cotidiano de uma sala de estar ou de um quarto de dormir – e as questões culturais, políticas e sociais mais amplas, da presença desse meio na vida de milhões de pessoas, todos os dias, sem falar nas inúmeras temáticas tratadas nesses produtos e, por fim, as relações desse meio e dos produtos que veicula com a dinâmica do mercado e da publicidade e das relações em jogo (Bueno Fischer, 2003, p. 108–109).

Portanto, levar o episódio citado, ou até mesmo qualquer outro, da série *Os Simpsons* pode ser de grande relevância para um estudo feito com os alunos na sala de aula. Perceber os conteúdos de arte inseridos no programa é um primeiro passo: avaliar as cores, o ritmo visual, a técnica do desenho. Além da possibilidade, claro, de explorar os conteúdos apresentados em cada episódio. Já que o programa foi o mais citado entre os educandos das duas escolas pesquisadas, nada mais coerente trazer este universo do próprio aluno para este outro espaço, a sala de aula, que muitas vezes configura-se de forma tão distante da realidade dos alunos.

Televisão e Educação: possibilidades educacionais a partir de programas televisivos

Referências

- > FISCHER, Rosa Maria. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- > _____. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan/jun. 2002.
- > FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- > GIRARDELLO, Gilka. **A televisão e a imaginação infantil: referências para o debate**. ANAIS INTERCOM. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande/MS – setembro, 2001.
- > _____.; OROFINO, Maria Isabel. **A pesquisa de recepção com crianças: mídia, cultura e cotidiano**. In: GIRARDELLO, G; FANTIN, M. Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças. Florianópolis: UFSC, CED, NUP, 2009.
- > HERSKOVIC, Chantal. **Chegando a Springfield: humor e sátira na série Os Simpsons**. Rev. USP, São Paulo, n. 88, fev. 2011. Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892011000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 maio 2012.
- > MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000. 5ed.
- > OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.
- > PILLAR, Analine Dutra. **Sincretismo em desenhos animados da TV: O Laboratório de Dexter**. Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS/FACED, v. 30, n. 2, jul/dez. 2005, p. 123-142.

Sites visitados

- > <http://www.tecmundo.com.br/2397-historia-da-televisao.html> . Acesso em 29 maio 2012.
- > http://www.locutor.info/index_classicos_da_tv.html . Acesso em 29 maio 2012.

Fabiola Burigo Costa, Colégio de Aplicação/UFSC

fabiola@ca.ufsc.br

Karin Zapelini Orofino, UFSC

karinorofino@yahoo.com.br